



UMA PROPOSTA PARA O PERFIL CONCEITUAL DE REGIÃO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Raquel Augusta Melilo Carrieri ¹

RESUMO

O debate em torno do conceito de região e de seus métodos de análise tem girado principalmente em torno do seguinte ponto: no atual período técnico-científico e informacional, em que os lugares se tornam cada vez mais dinâmicos e fluídos, como pensar a região? A região, não só não desapareceu como é condição e suporte das relações globais. Mas será que essa dimensão é valorizada na Geografia Escolar? Ou os alunos só aprendem que a região é o resultado do processo de regionalização, que agrupa áreas com características semelhantes? Sendo não a resposta à primeira pergunta e sim à segunda, torna-se necessário entender o motivo pelo qual a região é abordada como “organizadora de informações”. Quais são os sentidos e significados atribuídos ao conceito de região na Geografia Escolar? Há vários caminhos para responder a essas perguntas. Diversas perspectivas, metodologias e teorias podem transformar essa temática em uma questão de pesquisa. Decidiu-se entender, num primeiro momento, como os professores operam com o conceito de região. E a construção de um perfil conceitual sobre o conceito foi a escolha teórica e metodológica. Ainda assim, o que se apresenta nesse artigo não é o resultado da elaboração de um perfil conceitual de região e sim as possibilidades de pesquisa.

Palavras-chave: perfil conceitual, região, ensino de Geografia.

RESUMEN

El debate en torno al concepto de región y sus métodos de análisis ha girado principalmente en torno al siguiente punto: en el actual período técnico-científico e informativo, en el que los lugares se vuelven cada vez más dinámicos y fluidos, ¿cómo pensar la región? La región, no solo no ha desaparecido, es condición y soporte de las relaciones globales. Pero, ¿se valora esta dimensión en la geografía escolar? ¿O acaso los estudiantes aprenden que la región es el resultado del proceso de regionalización, que agrupa áreas con características similares? Como la respuesta a la primera pregunta no es, sino a la segunda, es necesario comprender la razón por la cual se aborda a la región como un “organizador de información”. ¿Cuáles son los sentidos y significados atribuidos al concepto de región en Geografía Escolar? Hay varias formas de responder a estas preguntas. Diferentes perspectivas, metodologías y teorías pueden transformar este tema en una pregunta de investigación. En este artículo se decidió comprender cómo operan los docentes con el concepto de región. Y la construcción de un perfil conceptual sobre el concepto fue la elección teórica y metodológica. Aun así, lo que se presenta en este artículo no es fruto de la elaboración de un perfil conceptual de la región, sino de las posibilidades de investigación.

Palabras clave: perfil conceptual, región, enseñanza de la geografía.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. raquelmelilo.ead@gmail.com



INTRODUÇÃO

Desde a sistematização da Geografia, como ciência de síntese focada nos fenômenos de repercussão espacial, o conceito de região é elencado sob diferentes aspectos e perspectivas. Da corrente positivista, a região herdou um caráter descritivo e técnico. Já a Geografia Crítica atualizou a abordagem de região, dando-lhe uma dimensão mais analítica. Contemporaneamente, alguns estudos publicados no início do século XXI reforçam o uso da região como instrumento para interpretação do espaço geográfico. Entretanto, essas diferentes leituras acerca do conceito de região não se refletem na sua abordagem na Geografia Escolar, onde a categoria aparece tão somente como suporte teórico à caracterização e descrição de áreas.

A região, enquanto categoria de análise, e a regionalização, como procedimento metodológico, são abordadas como conceitos rígidos dos quais o educando se vale para descrever porções do espaço em função de critérios pré-concebidos. É exatamente nesse contexto rígido e menos reflexivo que não se representa, como se deveria, as práticas espaciais, objeto de estudo da Geografia (SOUZA, 2016). E não é por culpa da categoria região. E sim, pela sua abordagem atual na Geografia Escolar.

Um breve mergulho na literatura confirma que o conceito de região, e sua dimensão analítica, têm sido defendidos por alguns especialistas nos estudos dos fenômenos geográficos. A Geografia Crítica auxiliou na elaboração de uma outra abordagem das categorias espaço, paisagem e território que se distanciavam daquelas da Geografia Clássica ou Quantitativa. O conceito de região, construído sob os pressupostos da Geografia Crítica, começou a ser analisado como uma das dimensões espaciais do processo desigual e combinado do capitalismo. Neste sentido Corrêa esclarece que:

A Região pode ser vista como resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas (...) como uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos. (2003, p. 45-46)

O debate em torno do conceito de região e de seus métodos de análise tem girado principalmente em torno do seguinte ponto: no atual período técnico-científico e



informacional, em que os lugares se tornam cada vez mais dinâmicos e fluídos, como pensar a região? Alguns autores chegaram a anunciar, inclusive, o fim das regiões em virtude da globalização e do entendimento de que esse processo resultaria na homogeneização dos espaços e na uniformização dos processos sociais. Para Milton Santos (1997), no entanto, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização.

A região, não só não desapareceu como é condição e suporte das relações globais. Mas será que essa dimensão é valorizada na Geografia Escolar? Ou os alunos só aprendem que a região é o resultado do processo de regionalização, que agrupa áreas com características semelhantes? Sendo não a resposta à primeira pergunta e sim à segunda, torna-se necessário entender o motivo pelo qual a região é abordada como “organizadora de informações”. Quais são os sentidos e significados atribuídos ao conceito de região na Geografia Escolar?

Há vários caminhos para responder a essas perguntas. Diversas perspectivas, metodologias e teorias podem transformar essa temática em uma questão de pesquisa. Decidiu-se entender, na elaboração da tese de Doutorado, como os professores operam com o conceito de região. E a construção de um perfil conceitual sobre o conceito foi a escolha teórica e metodológica. Ainda assim, o que se apresenta nesse artigo não é o resultado da elaboração de um perfil conceitual de região e sim as possibilidades de pesquisa.

O artigo se propõe, portanto, a organizar os caminhos de pesquisa que envolvem a abordagem sobre perfil conceitual e as zonas de um perfil conceitual. Tal organização possibilita que se apresente, no campo do ensino de Geografia, um novo olhar sobre os conceitos. Adicionalmente, apresenta-se os domínios associados às diferentes concepções do conceito de região proposto por Gomes (2003). Esses domínios, ao envolverem percepções cotidianas e científicas, foram interpretados como um mapeamento preliminar das zonas do perfil conceitual de região. Mas somente a coleta de dados primários possibilitará a produção de um desenho teórica e]

metodologicamente mais qualificado. Essa será a próxima etapa de trabalho. Por enquanto, vamos aos esclarecimentos iniciais.



O QUE É PERFIL CONCEITUAL?

De maneira geral, perfis conceituais podem ser entendidos como modelos usados por indivíduos para significar suas experiências a partir de diferentes modos de ver e conceituar o mundo (Mortimer, 2014).

Mas antes de entender como se dá o “mapeamento” dos modelos mentais produzidos pelos indivíduos, é importante entender, ainda que de maneira bastante superficial, como acontece o pensamento conceitual. Pode-se iniciar essa discussão resgatando as ideias de Mortimer; Scott e El-Hani (2011) que apontam para o fato de que não somos “possuidores” de conceitos, ou seja, eles não existem na nossa mente como entidades físicas. Os autores defendem que, no processo de ensino e aprendizagem, buscamos construir um pensamento conceitual, que se constitui na busca pela compreensão de situações vivenciadas, e que pode consolidar significados quando nos deparamos com experiências que reconhecemos como semelhantes.

De acordo com Mortimer, Scott e El-Hani (2011) a suposição de que somos “possuidores” de conceitos provém da tendência de o pensamento conceitual operar de maneira parecida, quando vivenciamos situações que reconhecemos como semelhantes. Ou seja, alguns significados se estabilizam no processo de conceituação, mas isso não implica em uma condição estática do pensamento conceitual, que poderá sofrer alterações diante de situações novas. Dessa maneira, o processo de conceituação é compreendido como um processo dinâmico que sofre continuamente influências das experiências externas vivenciadas pelo indivíduo (Mortimer, 2014).

Outra explicação para a ideia de permanência do conceito reside na diferença entre sentido e significado (Vigotski, 1978). Para Vigotski, sentido é visto como uma formação dinâmica e pessoal, construída individualmente considerando diferentes contextos. Já o significado é elaborado socioculturalmente e pode ser considerado mais estável. Para Mortimer, Scott e El-Hani (2011), no processo de conceituação, os alunos podem produzir sentidos diferentes para uma mesma palavra, e esses sentidos podem variar de acordo com diferentes contextos discursivos. No entanto, a discussão coletiva



pode levar à construção e/ou compartilhamento de significados socialmente aceitos, e restringe a expressão de sentidos pessoais, ainda que esse processo constitua o pensamento conceitual.

O perfil conceitual aceita a existência de uma heterogeneidade de pensamentos que precisa ser levada em conta na construção de significados para os conceitos científicos (Mortimer *et al.*, 2014). Essa heterogeneidade de pensamentos pode ser estruturada em zonas de um perfil conceitual.

ZONAS DE PERFIL CONCEITUAL

A noção de perfil conceitual desenvolvida por Mortimer (1996, 2000) foi feita tendo como referência a noção de perfil epistemológico de Bachelard. Segundo Bachelard (1996) os cientistas utilizam visões epistemológicas mais convenientes e não necessariamente as mais modernas para fazer ciência. Cada uma destas visões é usada em diferentes domínios, que se relacionam com o problema a ser resolvido. Dessa maneira, ao se medir os perfis epistemológicos de indivíduos diferentes, é possível que não se obtenha as mesmas visões epistemológicas de um mesmo conceito.

Atualizando a noção de perfil epistemológico de Bachelard, Mortimer (1996) defende que além dos aspectos epistemológicos, há diferenças ontológicas nas representações de um dado conhecimento. Além disso, no perfil conceitual proposto por Mortimer as representações passam a ser associadas aos contextos as quais elas são empregadas.

Dessa maneira, para Mortimer (1996), as zonas de um determinado perfil conceitual são construídas em um processo dinâmico e complexo de interação, no qual novos significados são internalizados. Assim, apesar de cada sujeito possuir seu perfil conceitual em relação a determinado conceito, as zonas que constituem esse perfil são as mesmas em um dado contexto sociocultural, como a sala de aula. O que varia de um sujeito para outro é a importância relativa de cada zona em suas experiências de vida, o que refletirá em seu pensamento e na sua comunicação.

Se considerarmos que a noção de perfil conceitual estabelecida por Mortimer (1996, 2001) indica que cada conceito pode apresentar múltiplos significados, que se encontram dispersos em zonas distintas e, por isso, abarcam uma diversidade de significados cotidianos e científicos, podemos dizer que o estudo da região justifica-se



por se tratar de um conceito polissêmico. Assim como os conceitos das Ciências Naturais, é possível identificar para o conceito de região diferentes áreas de estabilidade conceitual dispersas em zonas. Isso ocorre porque o termo “região” também tem um uso cotidiano bastante intenso, que possibilita a atribuição de sentidos muito diversos daquele que é apresentado no ensino de Geografia.

PERFIL CONCEITUAIS DAS CIÊNCIAS NATURAIS: ALGUNS TRABALHOS E INSPIRAÇÕES

A noção de perfil conceitual, embora possa ser aplicada a diversos ramos do ensino, foi e é muito utilizada nos estudos sobre ensino e aprendizagem das Ciências Naturais. Dessa maneira, há uma diversidade de pesquisas que apresentam proposições de perfis conceituais nas áreas da Biologia, Química e Física. Não foi encontrado nenhum trabalho que tenha se preocupado em mapear zonas de um perfil conceitual para conceitos abordados especificamente no ensino de Geografia. Em função disso, esse artigo procurou observar aspectos comuns entre alguns estudos sobre perfil conceitual publicados em periódicos de relevância acadêmica. Depois de aplicado esse filtro, tentou-se estabelecer uma metodologia de análise que pudesse ser aplicada ao ensino de Geografia.

No geral, os trabalhos acadêmicos que fazem proposições de perfis conceituais analisam dados obtidos em diferentes fontes. Esses trabalhos normalmente apresentam, na introdução ou capítulos iniciais, uma pesquisa de concepções no desenvolvimento histórico do conceito a partir de fontes secundárias. Depois de apresentado o desenvolvimento histórico e científico do conceito, faz-se uma escolha sob a coleta de dados que fundamenta o mapeamento do conceito em zonas. Alguns trabalhos utilizam dados de pesquisas que, por meio de outras análises teóricas e metodológicas, diagnosticam as concepções dos conceitos expressadas por alunos ou professores. O mais comum, no entanto, é a coleta de dados primários. Ou seja, o próprio pesquisador obtém informações sobre o grupo analisado. O método de obtenção de dados é variável e vai desde a observação *in locu* à aplicação de questionários e entrevistas (estruturadas ou semiestruturadas).



Para a elaboração do perfil conceitual para o conceito de região, buscou-se entender e organizar a trajetória metodológica de algumas pesquisas. Os resultados dessa organização estão sintetizados nos quadros a seguir.

Uma proposta para o perfil conceitual de energia em contextos do ensino da Física e da Química	
Autores	José Euzébio Simões Neto – (Orientação: Edenia Maria Ribeiro do Amaral) (UFRPE)
Conceito estudado:	Energia
Método utilizado para elaboração do perfil conceitual	- análise de dados obtidos em questionários aplicados a alunos e professores - análise das interações discursivas estabelecidas em sala de aula.
Zonas mapeadas:	<ul style="list-style-type: none">- energia como algo espiritual ou místico: entendimento da energia como algo místico, esotérico e/ou espiritual.- energia funcional/utilitarista: Nesse modo de pensar a energia, ela é entendida como algo que existe e que serve para que tenhamos mais conforto e possibilidades de modificação do mundo- energia como movimento/atividade óbvia: associação feita entre o movimento e a energia, em um pensamento que pode ser resumido na seguinte expressão: “Todo corpo que está em movimento, possui energia. Todos os corpos que não estão em movimento não possuem energia”- energia como algo material: A energia é vista como algo de existência material ou quase material em diversos trabalhos sobre as concepções informais dos estudantes- energia como agente causal das transformações: associada ao modo de pensar a energia como algo que possibilita a ocorrência de diversos fenômenos da natureza, servindo como mecanismo de disparo, ou seja, tal fenômeno só pode acontecer se a energia estiver disponível para ativar tal transformação- energia como grandeza que se conserva: associado a contextos de aplicação mais científicos, nos quais a energia pode ser entendida como o produto do movimento dos componentes microscópicos da matéria, destacando dois conceitos associados fundamentais: a conservação e a degradação da energia

Perfil conceitual e a escolarização do conceito de morte no ensino de Ciências	
Autores	Aline Andréia Nicolli (UFA) e Eduardo Fleury Mortimer (UFMG)
Conceito estudado:	Morte
Método utilizado para elaboração do perfil conceitual	- aplicação de questionários de pré e pós-teste aos sujeitos estudados.
Zonas mapeadas:	<ul style="list-style-type: none">- Naturalista: a morte é interpretada como resultado de processos ou propriedades biológicas.- Religiosa: a morte é compreendida como fato ou fenômeno que resulta de uma “vontade divina”, frequentemente vista como passagem para outra vida- Relacional: a morte é concebida como fato ou fenômeno a ser negado, ocultado.



Uma proposta de perfil conceitual para o conceito de calor	
Autores	Edenia Maria Ribeiro do Amaral (UFRP); Eduardo Fleury Mortimer (UFMG)
Conceito estudado:	Calor
Método utilizado para elaboração do perfil conceitual	- análise dos dados de algumas das várias pesquisas realizadas sobre ensino de ciências e sobre o conceito de calor.
Zonas mapeadas:	<p>Realista: relaciona-se com as ideias mais primitivas de calor, nascidas a partir das sensações de quente e de frio. Nesse caso, o calor é considerado atributo dos materiais e estes podem manifestar “vontades” quanto a sua transferência. A noção de calor e os processos de transferência de calor ou de “frio” também podem estar relacionados à ideia de calor como uma substância com capacidade de penetrar a matéria.</p> <p>Animista: No contexto animista, a atribuição de “vida” pode ser feita ao calor, considerado como uma entidade que se movimenta por suas próprias forças. Em outros momentos, o comportamento animista é atribuído ao objeto ou material que “deseja” receber ou perder calor. É importante ressaltar que, em meio às ideias animistas, aparece a ideia de calor como uma substância que pode penetrar os materiais, o que torna difícil uma distinção entre o obstáculo animista e o obstáculo substancialista do conceito.</p> <p>Substancialista: considera calor como uma substância inerte, ainda que, nas fases iniciais do desenvolvimento histórico do conceito, essa distinção não seja tão nítida. O calor é compreendido por alguns alunos como uma substância, uma espécie de fluido, sendo o frio de conotação semelhante e contrária</p> <p>Empírica: advém da possibilidade de se realizar medidas relacionadas à ideia de calor a partir da experimentação de caráter científico. Ainda que persista a ideia do calor como substância, este não mais poderá ser relacionado às sensações porque estas contradizem a experimentação</p> <p>Racionalista: Com o estabelecimento do conceito de calor específico e da ideia de fluxo de calor a partir da diferença de temperatura entre os corpos, constata-se que o calor não está diretamente relacionado à temperatura e sim à diferença de temperatura. O conceito de calor passa a ser pensado como uma relação entre grandezas, adquirindo assim um caráter racional.</p>



ZONAS DE UM PERFIL CONCEITUAL PARA O CONCEITO DE REGIÃO: POSSIBILIDADES DE PESQUISA

A noção de região, no sentido de base para observação/descrição de paisagens aparece antes mesmo no nascimento da Geografia enquanto ciência. Alguns autores da Antiguidade Clássica, em especial os gregos, já tinham preocupação com a observação e descrição dos fenômenos naturais, muito embora o conceito de região obviamente não fosse basilar. Isso porque, quem advoga que já havia naqueles períodos históricos processos de regionalização, o faz defendendo apenas uma dimensão conceitual da região.

Alguns autores, como Martin (1992) defendem que a divisão territorial do Império Romano, visando seu controle e administração política e econômica, seguiam um processo de regionalização. Entretanto, não pode-se assumir que para que um processo seja chamado de regionalização basta ter um objetivo e realizar uma divisão.

Correa (1986) também resgata a ideia de região como uma área delimitada para fins de ação e controle. Na compreensão do autor, ao se definir uma região para estes fins, considera-se o conceito como uma área vista por um aspecto ao qual se atribui relevância. Assim, as diferentes conceituações de região estão presentes na prática territorial das classes dominantes, em diferentes momentos históricos já que são estas classes que escolhem os aspectos mais relevantes para delimitação.

Neste sentido, o Estado, surgido dentro do modo de produção dominante é um grande agente da regionalização para Correa (1986). A Antiguidade fornece-nos exemplos da criação de regiões em um contexto de conquista territorial. Tanto o império romano quanto o persa, estavam divididos em regiões ou unidades territoriais de ação e controle. Regia e satrápia são denominações que designam essas unidades:

As satrápias do império persa eram governadas pelos sátrapas, os "olhos e ouvidos do rei"; a palavra região vem do latim regia, que por sua vez deriva do verbo regere, isto é, governar, reinar. (CORREA, 1986, p. 26)

Correa (1986) defende que até os feudos estavam sujeitos à ação de regionalização, como forma de ação e controle. Para o autor, no Feudalismo a regionalização tinha sua expressão nas marcas, nos ducados e nos condados.

Já Gomes (2003) defendia a ideia de que durante a maior parte da Idade Média, a fragmentação territorial e o caráter mais individualizado do espaço, impede que se



defenda a existência de um caráter regional na gestão do território. É somente no fim da Idade Média, de acordo com Gomes (2003) que a noção de região como uma divisão territorial, de caráter político-administrativo, ganha corpo. De acordo com o autor:

Ainda que muitas vezes sob denominações diversas ('Régions', na França, 'Províncias', na Itália ou 'Laender', na Alemanha) o tecido regional é frequentemente a malha administrativa fundamental que define competências e os limites das autonomias dos poderes locais na gestão do território dos Estados Modernos." (GOMES, 1995, p. 53-4)

Mas se toda divisão territorial puder ser chamada de região, perde-se o ponto de partida. Sobretudo porque não se pretende investigar a forma como as sociedades simples, pré-capitalistas administravam seus territórios. As práticas espaciais de caráter regional não são o cerne da pesquisa. A preocupação é a gênese do conceito de região para a Geografia.

DOMÍNIOS DA NOÇÃO DE REGIÃO: ZONAS DE UM PERFIL?

Gomes (2003), em suas reflexões sobre o conceito de região, identificou três grandes domínios em que a noção de conceito vem sendo construída: o domínio do conhecimento do senso comum, o domínio da administração e o domínio do conhecimento científico. De acordo com o autor, no que diz respeito ao domínio do conhecimento do senso comum a noção de região está relacionada aos princípios de localização e de extensão. Nesse caso a noção de região:

pode ser assim empregada como uma referência associada à localização e à limites mais ou menos habituais atribuídos à diversidade espacial (...), como referência a um conjunto de área onde há o domínio de determinadas características que distingue aquela área das demais. (GOMES, 2003, p. 53)

No domínio do senso comum não há precisão de limites e nem de escala espacial. A região é definida espacialmente por meio de critérios bastante variados. No que diz respeito ao domínio administrativo, a noção de região tem sido utilizada no sentido de delimitação de áreas e hierarquias administrativas, ou seja, vista como uma "unidade administrativa e, neste caso, a divisão regional é o meio pelo qual se exerce frequentemente a hierarquia e o controle na administração dos Estados". (ibidem, p.53).

O recorte regional como domínio da administração tem sido um recurso utilizado tanto pelos Estados modernos na gestão do território, como por muitas instituições e



empresas de grande porte como estratégia de gestão dos seus respectivos negócios. No que se refere ao domínio do conhecimento científico, Gomes reconhece que não somente a Geografia tem se utilizado da noção de região, mas também ciências como a Matemática, a Biologia, a Geologia etc. Nessas ciências, a noção de região possui um emprego também associado à localização de certo domínio de determinados fenômenos. Aqui, o emprego resguarda a etimologia, pois região é vista como "área sob certo domínio ou área definida por uma regularidade de propriedades que a definem". (Gomes, 2003, p.54)

Com relação ao domínio da ciência geográfica, Gomes aponta que as tentativas de "elevar" o conceito de região ao nível de um conceito científico têm se verificado como fundamentais na Geografia, mas as dificuldades são muitas. Nesse sentido os geógrafos passam, então, a adjetivar a noção de região como uma tentativa de diferenciá-la de seu uso pelo senso comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se os conceitos não se encontram concretamente nas mentes das pessoas, mas dependem das experiências que vão cristalizando significados compartilhados, região se torna um bom exemplo de construção dinâmica. As transformações sociais das quais a Geografia escolar pretende traduzir aos alunos, fazem com que ela acione seu repertório conceitual, onde região se destaca, com diferentes significados e ainda frequentemente competindo com os mais diversos meios de comunicação.

O processo decorrente de tudo isso passa pelo alargamento das zonas conceituais de região, que há muito se distanciou de sua etimologia, embora frequentemente ainda pode ser entendida por uma delimitação espacial "regida" pelo capital.

Nesse contexto, emerge a seguinte questão: quais são os sentidos e significados atribuídos ao conceito de região na Geografia Escolar? A construção de um perfil conceitual sobre o conceito é um caminho de análise possível.